



ESCOLAS DE PARIS E O RENASCIMENTO DO SÉCULO XII NO OCIDENTE

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3667

Anna Paula de Jesus Almeida, UEM
Aline Gonçalves de Castro Zanin, UEM
Terezinha Oliveira, UEM

Resumo

As escolas de Paris do século XII se desenvolveram a partir do renascimento cultural e social observado nesse período da Idade Média. Dessa forma, o objetivo desta exposição é analisar o trabalho desenvolvido nessas escolas, por Pedro Abelardo (1079 – 1142), que fora um dos principais mestres nestes espaços de ensino, no século XII. Este estudo também se propõe a entender o movimento de expansão e organização destas escolas nesse período, pois essa reorganização das instituições escolares parisienses resultaria, de acordo com Verger (1990) no nascimento da universidade de Paris, nos primeiros anos do século XIII. A pesquisa realizada é de cunho bibliográfico e está vinculada as concepções teóricas da história social, debatidas no GTSEAM – Grupo Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade. Para esta exposição, nos basearemos nos pressupostos apresentados por obras de Marc Bloch (*Apologia da História*), Jacques Le Goff (*Os Intelectuais na Idade Média*) e François Guizot (*História da Civilização na Europa*). Conforme Le Goff (2006), os intelectuais principiaram seu ofício com o avanço citadino característico do século XII. Conclui-se desse modo que compreender a expressão ‘renascimento’ do século XII, nos possibilitará refletir acerca da importância deste momento da história para o progresso das escolas de Paris e sua relevância para o desempenho do trabalho e produção de intelectuais como Pedro Abelardo, no interior dessa escola.

Palavras Chave:

Renascimento do Século XII; Escolas de Paris; Pedro Abelardo.

Introdução

A História da Educação é um vasto campo de conhecimento, pois por meio dela é possível buscar as origens de espaços escolares e, ao mesmo tempo, recuperar o movimento dos homens no tempo, por meio de suas ideias e de suas ações. Nesse sentido, espaços de ensino como as escolas e universidades são locais nos quais se tornam fulcrais para o estudo no campo, uma vez que são nessas instituições que as pessoas recebem formação intelectual e, em tese, poderiam contribuir para a melhoria da vida em sociedade.

As escolas, nesse sentido, enquanto ambiente de ensino são formadas por professores e alunos, ou seja, por seres humanos. Marc Bloch, em sua obra *Apologia da História*, afirma que a história é a ciência dos homens no tempo, pois quando estudamos a história, buscamos, de modo incessante, conhecer melhor os próprios seres humanos. Para o autor, o objeto da história é homem e não simplesmente o passado, já que o passado como objeto de ciência é algo sempre obscuro, por isso ao retomarmos as escolas estamos, também recuperando a história da educação de outro tempo que não o nosso.

Marc Bloch salienta, ainda, que é por meio do saber histórico que principiamos um conhecimento. É por ele que podemos distinguir ou, pelo menos, começar a nos afastar daquilo que é incorreto e do que não é verdadeiro. Dessa forma, dizer e entender o presente é o mesmo que compreender a noção de passado recente.

Bloch (2001) afirma que “[...] a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado [...]” (BLOCH, 2001, p. 65), o que nos leva a entender que, muitas vezes, não se compreende o que ocorre no tempo presente porque não se busca ou não se valoriza a procura por conhecimento em outros tempos da história, pois um acontecimento do presente deita suas

raízes.

A partir destes apontamentos demonstra-se a importância de revisitar a história de instituições escolares como as de Paris, concomitantemente ao trabalho que os intelectuais desenvolveram nestes espaços de ensino no século XII, como Pedro Abelardo. Homens como Abelardo contribuíram para a construção do raciocínio intelectual em seu tempo.

Assim, o objetivo desta exposição é analisar o trabalho desenvolvido nas escolas de Paris por Pedro Abelardo (1079 – 1142), no século XII, que fora um dos principais mestres nestes espaços de ensino.

Para compreendermos esse caminho, analisaremos a preponderância do trabalho de Pedro Abelardo como intelectual no século XII e em que sentido as transformações sociais, observadas ao longo deste século, foram importantes para o aumento das escolas em Paris. Essas mesmas escolas dariam origem, no século XIII, a universidade de Paris.

Ao nos reportarmos para este século em específico, por meio de obras como *As Universidades na Idade Média* de Jacques Verger e os *Intelectuais na Idade Média* de Jacques Le Goff, procuramos compreender a função do intelectual como integrante da cidade, dentro dos espaços de ensino e a ligação que existe entre o desenvolvimento da urbanidade e das escolas.

O Renascimento do Século XII

A expressão ‘renascimento’ do século XII, diz respeito às mudanças observadas neste século da Idade Média, tendo estas, aspecto social e cultural. Social, porque estavam ligadas ao desenvolvimento e formação de cidades e cultural em virtude da chegada de traduções de obras greco-árabes, advindas do Oriente, que viriam ‘iluminar’ as discussões relacionadas ao ensino deste período. (VERGER, 1990)

Sobre o desenvolvimento das

idades, François Guizot, historiador do século XIX, propala que um fator relevante no século XII foi o aumento das comunas¹, o que fez com que a vida urbana pudesse apresentar novo ânimo, diante do estado de paz observado pelo fim das incursões nômades, no século XI. A formação das comunas medievais estava estritamente relacionada ao desenvolvimento da civilização.

Este autor interpreta a formação da civilização como fator preponderante para que a sociedade possa crescer e se aprimorar coletivamente e, com isso, buscar o aperfeiçoamento dos próprios indivíduos que formam a sociedade. Do ponto de vista de Guizot, a civilização, em uma dada sociedade, é promovida quando os indivíduos e as instituições se desenvolvem concomitantemente.

Dessa forma, o surgimento das cidades medievais mostra o homem em uma nova forma de organização, intelectual, social e econômica ainda não vista, nos moldes até então apresentados historicamente.

Segundo este autor, as comunas apresentavam diversidade de situação no que diz respeito a sua existência nos diferentes países europeus e encontrava-se da seguinte maneira, segundo Guizot:

[...] achamo-nos n'um recinto fortificado, defendido por burguezes armados; estes burguezes tributam – se, elegem seus magistrados, julgam, castigam, reúnem – se para deliberarem conjuntamente sobre seus negócios; veem todos a estas reuniões; fazem guerra por sua conta até contra o próprio senhor têm uma milícia. Em uma palavra, governam – se por si mesmos, são soberanos (GUIZOT, p. 215, 1907).

No século XII, duas grandes questões são tratadas por Guizot: a

libertação das comunas e o governo das mesmas e o estado interior das cidades que se libertaram com a revolução comunal. Assim, de acordo com Guizot:

[...] as cidades não estavam nem n'um estado de liberdade; soffriam todos os males que andam juntos com a fraqueza; eram victimas das violências e das depredações dos fortes; e comtudo apesar de tantas e tão continuas desordens, apesar do seu empobrecimento, da sua depopulação mantinham e conservavam as cidades certa importância; em quasi todas havia um clero, um bispo que tinha grande poder, que exercia influencia sobre os habitantes, que era intermediário entre estes e os vencedores, que conservava a cidade n'uma especie d'independencia, e a protegia com o escudo da religião (GUIZOT, p. 219, 1907).

Observa-se, dessa forma, o quanto a Igreja estava presente nas relações das pessoas e na forma como agiam dentro das cidades, o que contempla algo positivo, pois, dessa forma, podemos compreender a religião como instrumento mantenedor da ordem, diante do estado de barbárie na qual havia se encontrava boa parte do território Europeu.

Assim, Oliveira e Mendes (2005) pontuam que quando o feudalismo consolidou-se, as pessoas encontraram seu espaço próprio, dentro das cidades, promovendo o desenvolvimento do trabalho e de ofícios, dando assim aos homens, novas esperanças na vida que principiava a ser construída nessa época.

O desenvolvimento cultural também está relacionado a expressão 'renascimento' do século XII. Dessa maneira, observa-se que traduções de obras greco-árabes foram feitas com mais afinco em um primeiro momento na Itália

1 Comunidades que principiaram a serem fundadas a partir do século XI, no Ocidente

medieval. Organizada, especialmente, a partir de organizações de artesãos.

e na Espanha. As pessoas responsáveis por este trabalho, os tradutores² do século XII, eram também intelectuais. Seu trabalho, ao destrinchar textos escritos em grego ou árabe era necessário, porque a língua científica europeia desse momento era o latim.

Nos estabelecimentos de ensino, as mudanças relacionavam-se ao florescimento intelectual observado neste século, pois a forma de ensino acompanhou o progresso social, esse progresso, foi decisivo para o aumento de escolas, que se separaram dos mosteiros. (NUNES, 1967)

Neste século também houve o “[...] desenvolvimento demográfico, o despertar do comércio e a construção de cidades. [...]” (LE GOFF, 2006, p. 48). A edificação destes ambientes provocou, conseqüentemente, o desenvolvimento urbano, que fez com houvesse um aumento populacional no Ocidente, pois dentro das cidades havia melhores condições de vida. (VERGER, 1990).

Propala-se dessa forma o trabalho dos intelectuais como pessoas integrantes das cidades, professores de escolas que foram indivíduos que surgiram com as cidades e seu desenvolvimento.

As Escolas de Paris

Paris, fora no século XII, um importante centro de estudos, no qual houve o desenvolvimento de muitas escolas, entretanto, se faz necessário retomar a história da formação das escolas, pois os estabelecimentos de ensino, não tiveram sua origem enquanto instituição que se destinava ao ensino e formação de pessoas no século XII, mas sim no século VI.

Émile Durkheim (1858-1917) fez levantamentos a respeito da história da escola como instituição. O sociólogo

afirma que a escola surgiu na Idade Média, no século VI, por intermédio da Igreja:

E a Igreja é que serviu de mediadora entre os povos heterogêneos, ela foi o canal pelo qual a vida intelectual de Roma conheceu uma progressiva transfusão nas novas sociedades que estavam em via de formação. E é precisamente pelo ensino que essa transfusão se realizou (DURKHEIM, 2002, p. 26).

Segundo o autor, para compreender as sagradas escrituras era necessário que os padres e leigos adquirissem determinada cultura, além disso, a igreja via na educação um meio de combater a cultura pagã e propagar o cristianismo.

Essas eram as necessidades superiores que obrigavam a Igreja a abrir escolas, bem como a abrir nelas um lugar para a cultura pagã. As primeiras escolas desse gênero foram as que se abriram junto às catedrais. Os alunos eram sobretudo jovens que se preparavam ao sacerdócio; mas também eram recebidos simples leigos que não tinham decidido ainda abraçar o santo ofício. Os alunos viviam juntos em *convicts*, formas muito novas e muito particulares de estabelecimentos escolares, sobre o significado dos quais teremos a oportunidade de voltar (DURKHEIM, 2002, p.29).

Muitas dessas escolas instalaram-se ao lado de mosteiros. As crianças independentemente de sua vocação, recebiam instrução tanto religiosa quanto secular (DURKHEIM, 2002). O mosteiro foi muito importante para a história da educação e grande foi sua contribuição para a propagação do saber. Conforme aponta Durkheim (2002), o mosteiro era considerado o espaço reservado para o

2 De acordo com Le Goff, as traduções eram feitas por um grupo de pessoas, ou então por apenas um indivíduo isolado. “Originais árabes,

versões árabes dos textos gregos, originais gregos são então traduzidos, seja por uma pessoa isolada, seja, é o caso mais frequente por equipes.” (LE GOFF, 2006, p. 39)

conhecimento.

Dessa forma, do século VI ao XI observou-se na Europa o ensino sendo realizado por escolas monásticas (os mosteiros). Nessas escolas, de acordo com Irie; Oliveira (2009), as disciplinas ensinadas faziam parte de um projeto de estudos que tinha como base a bíblia.

As escolas por volta do século VI ao século XI tinham um programa de estudos estreito inspirado na Escritura deixando de lado a gramática, filosofia, retórica, ciências, história, medicina, direito [...] (IRIE; OLIVEIRA, 2009, p. 1)

No século XII, com a chegada das traduções de obras greco-árabes, os estudos não deixam de se embasar nas sagradas escrituras, mas passam a ter caráter dialético e são discutidos por meio das sete artes liberais, que são divididas entre *trivium* e *quadrivium*³, influenciando o ensino dos mestres dentro das escolas.

Os estabelecimentos de ensino parisienses no século XII tinham todos caráter eclesiástico e o ensino propagado das disciplinas era teológico, sendo “as escolas do século XII, em Paris como na França inteira, monásticas, episcopais, e dos cônegos regulares e as dos mestres agregados.” (NUNES, ano, p. 416) As escolas públicas parisienses estavam abertas para receber os clérigos⁴.

O Trabalho de Mestre Pedro Abelardo

Abelardo fora um dos mais importantes intelectuais do século XII. No entanto, é necessário pontuar que o intelectual, como homem de ofício, que tinha como trabalho escrever ou ensinar,

só vem a mostrar-se como tal, com o advento das cidades, no século XII.

Um homem cujo ofício é escrever ou ensinar, e de preferência as duas coisas a um só tempo, um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e de erudito, em resumo, um intelectual – esse homem só aparecerá com as cidades (LE GOFF, 2006, p. 30).

Esse novo profissional utilizava como ferramenta para o desenvolvimento de sua produção de saber, as leituras de obras de autores da antiguidade, que estavam sendo traduzidas e propagadas nos centros de ensino da Europa Ocidental.

Assim, o trabalho de Abelardo como mestre e professor foi decisivo para o desenvolvimento da dialética enquanto método de análise e questionamento de textos utilizados para estudo, dessa forma:

[...] A dialética libera a palavra do aluno para com os mestres, o texto comentado se torna objeto de reflexões com levantamento de questões por meio do raciocínio, os debates e as disputas começam a se tornar uma prática escolar (IRIE; OLIVEIRA; 2009, p. 3).

Abelardo, como dialético, foi atacado pelos monges porque estes não entendiam suas interpretações a respeito das sagradas escrituras, por meio de uma compreensão dialética e sim por meio de uma compreensão retórica.

Um monge, bem letrado, como São Bernardo, não entendia uma dialética ou filosofia autônoma, desligada de um objetivo imediato como a contemplação das sublimes verdades da religião, a reverência ao mistério (NUNES, 1967, p. 419).

3 O trivium estava dividido em: gramática, dialética e retórica e o quadrivium em matemática, geometria, música e astronomia. (VERGER, 1990, p. 21)

4 Os clérigos desse período eram seculares ou regulares e tinham a obrigação de exercer algum

tipo de função em uma Igreja, além de serem tonsurados e vestirem o hábito, mantinham o celibato e empenhavam-se nos estudos. Professores, estes mesmos clérigos, não poderiam contrair o matrimônio, se não, perderiam o direito de ensinar. (NUNES, 1967, p. 415)

Ao longo de sua vida, Abelardo sofreu diversas intempéries e destacou-se como um dos principais pensadores do século XII. Antes de se tornar mestre em escolas parisienses, foi aluno de Roscelin de Compiègne (1050-1120) e discípulo de Guilherme de Champeaux (1070 – 1121), na Escola da Catedral de Paris. Acerca dos seus mestres, um dos episódios mais notáveis a ser destacado incide no fato de ele ter se oposto a opinião alegada por ambos, naquilo que diz respeito a *questão dos universais* ou *querela dos universais*.

Esse tema foi amplamente debatido ao longo do século XII e diz respeito a compreensão que se tinha das palavras e das coisas. Abelardo se utilizou de obras de autores anteriores a ele, como Platão, Aristóteles, Cícero e Boécio para embasar seus escritos a respeito de tal questão.

Abelardo escreveu a respeito das discussões dos universais em sua obra *Lógica Ingredientibus* [Lógica para Principiantes]⁵. Neste texto, o professor argumenta no que diz respeito a algumas questões deixadas por Porfírio (232 – 304) na *Introdução às Categorias de Aristóteles* [Eisagoge eistas Aristatélis Kategorias]. A obra de Abelardo se pautava no estudo das *Categorias* de Aristóteles (384 – 322 a. C.) e na análise de algumas diferenças apresentadas por Porfírio na *Isagoge*.

O que se mostrava intrigante na obra escrita por Porfírio é que Aristóteles discorreu nas Categorias a respeito de quatro predicáveis, que são a definição, o próprio, o gênero e o acidente, Porfírio por sua vez, teria proposto na *Isagoge* cinco predicáveis (ou vozes), no qual “suprime a ‘definição’ e acrescenta a ‘diferença’ e a ‘espécie’ “. (DIAS, 2002, p. 17)

Os predicáveis acrescentados por Porfírio, segundo Dias (2002), dizem

respeito aos termos gerais. Com isso Abelardo no séc. XII principia a discutir sobre os universais estarem ligados ora as palavras, ora às coisas, por meio das soluções nominalista e realista, presentes no século XII apresentadas e formuladas por Roscelin de Compiègne e Guilherme de Champeaux, que haviam sido seus professores.

A solução nominalista proposta por Roscelin para o universal, entendia tal conceito como “uma doutrina segundo a qual as ideias gerais não passavam de meros nomes, sem qualquer realidade fora da mente ou do espírito” (TANAKA E OLIVEIRA, 2002, p. 128).

Já Guilherme de Champeaux responsável pela formulação da doutrina realista apontava os universais como sendo “[...] a existência real dos universais e de um mundo superior de ideias, isto é, da existência real dos homens e da supremacia de Deus sobre eles” (TANAKA E OLIVEIRA, 2002, p. 128)

Abelardo discordou das duas explicações, mas utilizou características de ambas para formular sua defesa a respeito da questão dos universais. Dessa forma, o mestre buscou agregar “[...] a fé e a razão, a matéria com o espírito, apresentando para todas as questões duplas respostas, posto que analisa os dois lados do problema”. (TANAKA E OLIVEIRA, 2002, p. 128).

Outra obra escrita por Abelardo é o *Sic et non* [Sim e não]⁶ e nota-se nesta a defesa da dialética como forma de análise, pois ao longo do livro, Abelardo coloca-se a discutir a respeito dos escritos dos santos padres, que do ponto de vista de Abelardo, mostram-se divergentes livros. Assim, para ele:

De fato, o interrogar assíduo e frequente é definido como primeira

5 Utilizamos a tradução da obra de Abelardo, realizada por Ruy Afonso da Costa Nunes, presente na coleção Os Pensadores.

6 A tradução utilizada do Sic et non se encontra na coletânea de textos Filosofia Medieval, de Luis Alberto de Boni.

chave da verdade. Aristóteles, o mais perspicaz de todos os filósofos, exorta os estudiosos a com todo empenho adornar-se da pergunta, ao dizer no predicamento de relação: “Talvez seja difícil esclarecer com certeza a respeito destas coisas, a não ser que sejam seguidamente examinadas com atenção. Duvidar de cada parte não será trabalho inútil.” É que duvidando chegamos à procura, e procurando chegamos à verdade [...] (ABELARDO, 2005, p. 129)

Abelardo deu aulas em Paris, mais precisamente em Notre Dame, em Corbeil e na Escola de Sainte Geneviève, já no fim de sua vida e é considerado um dos principais lógicos do século XII.

Resultados

Por meio do levantamento de fontes bibliográficas foi possível discorrer a respeito do desenvolvimento de escolas que se ampliaram no século XII, em Paris e a importância do trabalho de intelectuais, que como trabalhadores das letras principiam seu ofício, apenas com o surgimento das cidades no século referido.

Dessa maneira, o intelectual apresentado em nosso estudo foi Pedro Abelardo (1079 – 1142), sendo este fundamental para o desenvolvimento da dialética enquanto método de análise da sagrada escritura e da filosofia/teologia que fora discutida neste período da Idade Média.

Considerações Finais

Concluimos com esta apresentação, que o trabalho de intelectuais como Pedro Abelardo, só foi possível em virtude do desenvolvimento urbano de Paris, no século XII. Observamos, nesse processo, quão importante foi a chegada de textos traduzidos do grego e do árabe no Oriente, pois a partir delas foi possível

compreender muito do conhecimento que havia sido produzido até então, de forma diferenciada e perceber a vida e as relações sociais de maneira melhorada.

Referências

- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- DIAS, Cléber Eduardo dos Santos. **O problema da universalização em alguns textos lógicos de Pedro Abelardo**. 2002. 137 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002, p. 16-20.
- DURKHEIM, E. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 22-43.
- GUIZOT, François. **História da civilização na Europa**. 4ª Lição. Lisboa: Parceria Antônio Maria, 1907.
- IRIE, Michele Cristina; OLIVEIRA, Terezinha. O saber na escola do século XII. In: VII JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 9., 2009, Maringá. **Anais eletrônicos...** Maringá: UEM, 2009. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/37.pdf> Acesso em 17 set. 2017.
- LE GOOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. A origem da Universidade de Paris (II). **Revista de História**, São Paulo, v. 34, n. 70, p. 415-449, 1967.
- OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudinei M. M. **Formação do terceiro estado As Comunas**. Maringá: Eduem, 2005.
- PEDRO ABELARDO. Lógica para principiantes. IX. A história das minhas calamidades. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- PEDRO ABELARDO. Sim e Não [Sic e Not]. In: DE BONI, Luís Alberto. (Org.). **Filosofia Medieval**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- TANAKA, Juliana; OLIVEIRA, Terezinha. Pedro Abelardo e as mudanças no pensamento do século XII. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 24, n. 1, p. 125-132, 2002.
- VERGER, J. Nascimento das universidades. In: VERGER, J. **As universidades na Idade Média**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.